

2708  
MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA • BARCELOS 1965

# RITOS DE PASSAGEM

• ENTRE O AIRÓ E O CÁVADO •

POR

F. LOPES GOMES



3)  
92(469.12)  
OM

ERNOS DE ETNOGRAFIA

2





MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA • BARCELOS 1965

# RITOS DE PASSAGEM

— ENTRE O AIRÓ E O CÁVADO —

POR

F. LOPES GOMES



CADERNOS DE ETNOGRAFIA

2

*Oferta de*

**CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS  
MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA**

**ARRANJO GRÁFICO DE ADÉLIO MARINHO**



**E**STE trabalho refere-se a uma localidade não estudada, conservadora de ancestrais ritos que sempre acompanham as mudanças de estado, de situação e de idade.

Trata-se da freguesia de Encourados, Barcelos, aldeia onde nasci e vivi, pelo que os factos apresentados não são uma vulgar recolha, mas o fruto da convivência e até conivência com um povo que nada me pode ocultar. Em verdade, as cerimónias não são exclusivas desta freguesia, estendendo-se às circunvizinhas, de costumes afins, zona que poderei delimitar entre o monte de Airó e o rio Cávado (Martim, Areias de Vilar e Pousa).

Tudo o que a Igreja adoptou dos usos e ritos pagãos praticam públicamente, mas se alguém tenta uma informação do que aquela condena, mesmo numa habilidosa «mistura», bebendo do mesmo copo, e petilhando da mesma onça, só colherá pela rama o que quase não tem interesse.

Temem o ridículo, a alcunha de parolos, e só às escondidas, quando nem a sua sombra os vê, sem intrusos, apenas na companhia dos crédulos, fazem as suas práticas, brincadeiras e logros, quem sabe se restos de antigas cerimónias, fechando-se quando alguém tenta uma recolha:

— Eu disse não sei nada!...

Contam-me que tomei o primeiro banho com todo o ritual da fortuna, no meio de cordões de ouro, libras de cavalinho e pintos em custódia. — Vivo pobre.

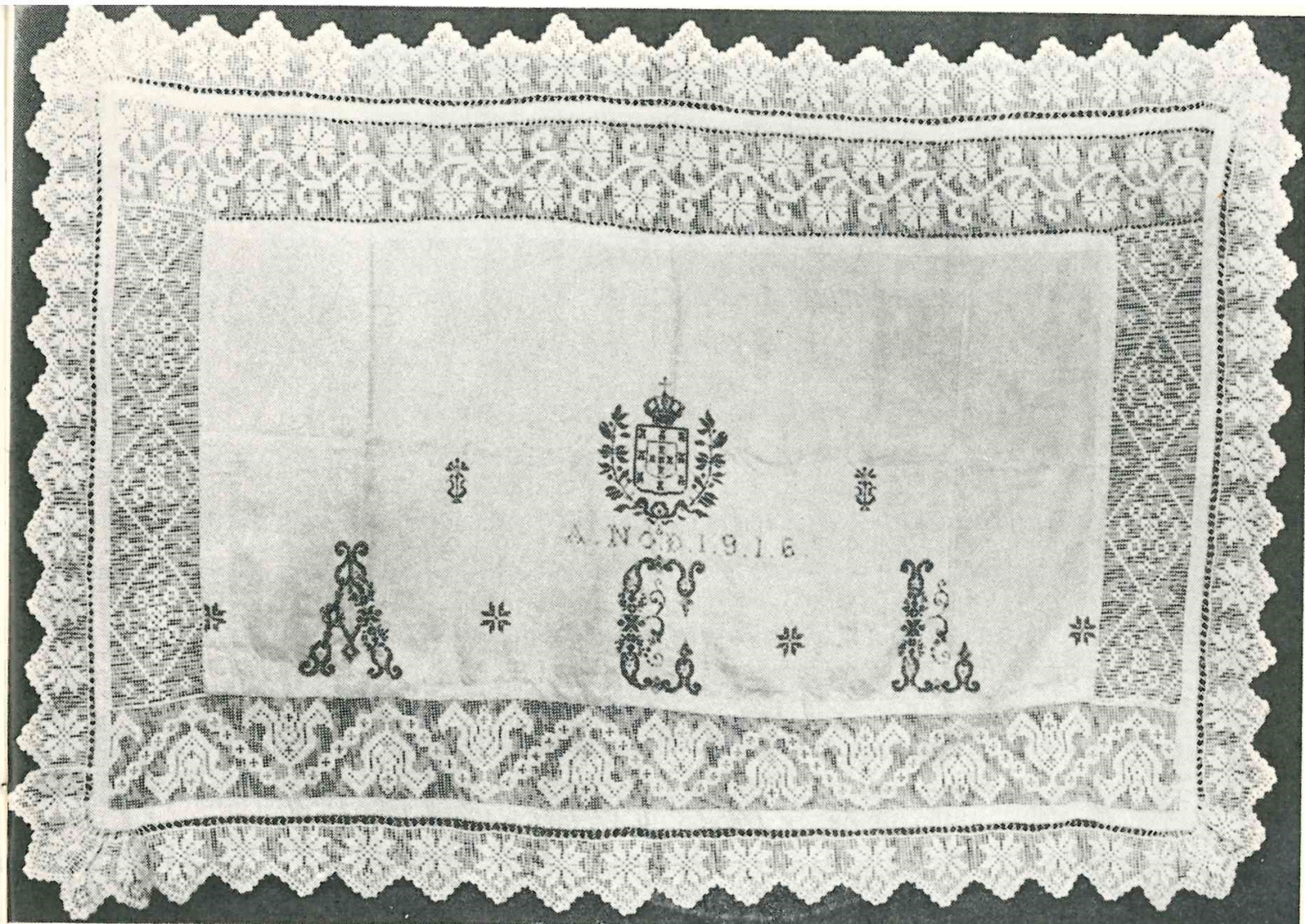
Não somos todos crentes, embora de natureza supersticiosos, conservadores e tradicionalistas.

Diz o Professor Jorge Dias que «é tão forte e avassaladora a força do ambiente em que crescemos e nos formamos que nunca nos podemos libertar dele inteiramente», logo: nem o contacto directo com centros civilizados (a posição geográfica desta terra é privilegiada) nos separam de costumes tão primitivos.

Pouco assinalarei de novo, tanto é do meu conhecimento pela bibliografia que se encontra na minha frente. Também é certo que o temperamento, nem lúdrico, nem sentimental, do povo da região, que marca a sua passagem nesta vida por um meio termo, sem festejos grandiosos ou dor prolongada, onde com certeza se encontra a sua virtude, não possibilita a existência de factos muito característicos.

Este trabalho é um capítulo duma monografia em preparação.





*Toalha de baptizado.*  
Em linho a urdir e a tapar, com entre-meio e cercadura rendada em fio de algodão; bordada a ponto do diabo e de cruz em linha vermelha. Todo o trabalho é manual.  
(1,15 m x 1,75 m).

## NASCIMENTO

Só vêem com agrado o nascimento de indivíduos do sexo feminino no primogénito; os outros filhos desejam-nos varões, sendo até costume felicitar a mãe — «mulher trabalhadeira traz a filha na dianteira».

Chegada a horinha chamam uma mulher habilitada e prática (parteira), que sempre existe nas nossas freguesias, para assistir.

Levada a parturiente para junto do lar, colocada na cadeira, ou ao colo duma mulher robusta, ou ainda de pé amparada a duas pessoas, assim esperavam, de avental estendido, o nascimento.

Em perigo de vida por parto havia ainda há poucos anos o costume de anunciar no campanário com o toque



da «agonia», e quer o ouvissem na labuta dos campos, quer em caminhada, caíam de joelhos e oravam num rogo de alívio para a vizinha aflita. Hoje transportam-na ao hospital.

Nascido, procede-se ao primeiro banho que tem o seu ritual.

Antes da imersão do recém-nascido, aplica-se água do banho, com o dedo polegar, no corpo, formando cruz. Nela se encontram mergulhadas a maior quantidade possível de riquezas (cordões de ouro, medalhas e moedas de metais ricos) para assim a criança ser bafejada da fortuna durante a vida.

Findo o citado banho, há o cuidado de lançar a água (só a água...) na lareira, sendo do sexo feminino e fora da porta, sendo masculino. Assim, a menina será caseira, amiga do lar, e o menino não ficará preso às saias da mãe, à terra, correndo mundo como convém.

Todas as pessoas que desejam a amizade do recém-nascido dão-lhe a beber manadinhos de água do primeiro banho, usando ao mesmo tempo a fórmula «assim como te fica limpo o corpo, te fica a alma...» Mesmo que os maltratam ou prejudiquem, continuam sempre fiéis e sem ódio. Daí o dito, quando alguém é lesado por outrem e continua amigo «parece que te deu água de cu lavado».

Com o primeiro leite se transmitem as boas e más qualidades, quer morais, quer físicas, e daí o ser vulgar ouvir-se como elogio aos que praticam o bem ou revelam coragem, destreza e força: «abençoado leite que mamaste». De quem sai aos seus (qualidades e defeitos dos progenitores) é costume dizer-se: «bebeu-o com o primeiro leite».

A parturiente, nas classes remediadas e ricas, só ficará restabelecida depois de ter comido 30 galinhas, sendo 7 na primeira semana, mas nunca de plumagem preta ou riça. Aconselham ainda fazer lavatórios com a primeira canja, favorecendo a cura. Não deve beber



*Branqueta.* Fundo vermelho, barra e laço azuis; bordado manual com linha de tricotina em várias cores. Em média têm de lado 90 cm. Tecido: castorina de lã.



vinho em demasia; a que se embriagar durante a convalescença vicia-se para sempre.

Por fim merece o maior cuidado a queda da embida (cordão umbilical); se esta se perder ou os ratos a levarem a criança terá a pior das sortes, dá em ladrão; exige-se portanto que seja queimada no fogo do lar.

## COMPADRIO E BAPTIZADO

Quando tentam provar a amizade entre vizinhos dizem: — até são compadres.

O compadrio é um elo de ligação entre estranhos, que passam a considerar-se como de família, mantendo as melhores relações, e um respeito e consideração



que ultrapassa o familiar. Se, antes, pais e padrinhos são íntimos (tratamento de «tu»), depois do batizado mostram-se mais cerimoniais, saudando-se mutuamente de «sr. compadre», costume quase desaparecido, usado por todas as classes entre si, quer se tratasse do morgado, quer do seu mais humilde servo.

O caseiro, o criado, o jornaleiro e o pobre, tentam as boas graças e os favores do senhorio, do patrão e do rico, convidando-os para apadrinhar os seus filhos. Considerados segundos pais dos afilhados, têm a obrigação moral de os proteger com a sua bolsa e as suas influências, sendo em tempos idos muito procurados para compadres os caciques da terra, com o propósito de livrar os afilhados do serviço militar. Por morte ou impossibilidade física dos verdadeiros pais, têm também de agasalhar os afilhados, dar-lhes sustento e o mais que a sua condição permita. Esta caridade está ainda viva na região.

Após a última guerra mundial o povo criticou os proprietários abastados que aceitaram os protegidos da Caritas, num justificado ciúme de compadres, pelas benesses feitas àqueles que consideravam estranhos, em prejuízo dos afilhados necessitados.

Nas classes remediadas e ricas, são escolhidos para compadres os familiares, de preferência as tias e tios solteirões. No primogénito, não é regra, mas quase sempre convidam os avós.

Os padrinhos dos pais, por crença religiosa, têm interesse e oferecem-se para apadrinhar um filho, angariando indulgências, «fazer trintário».

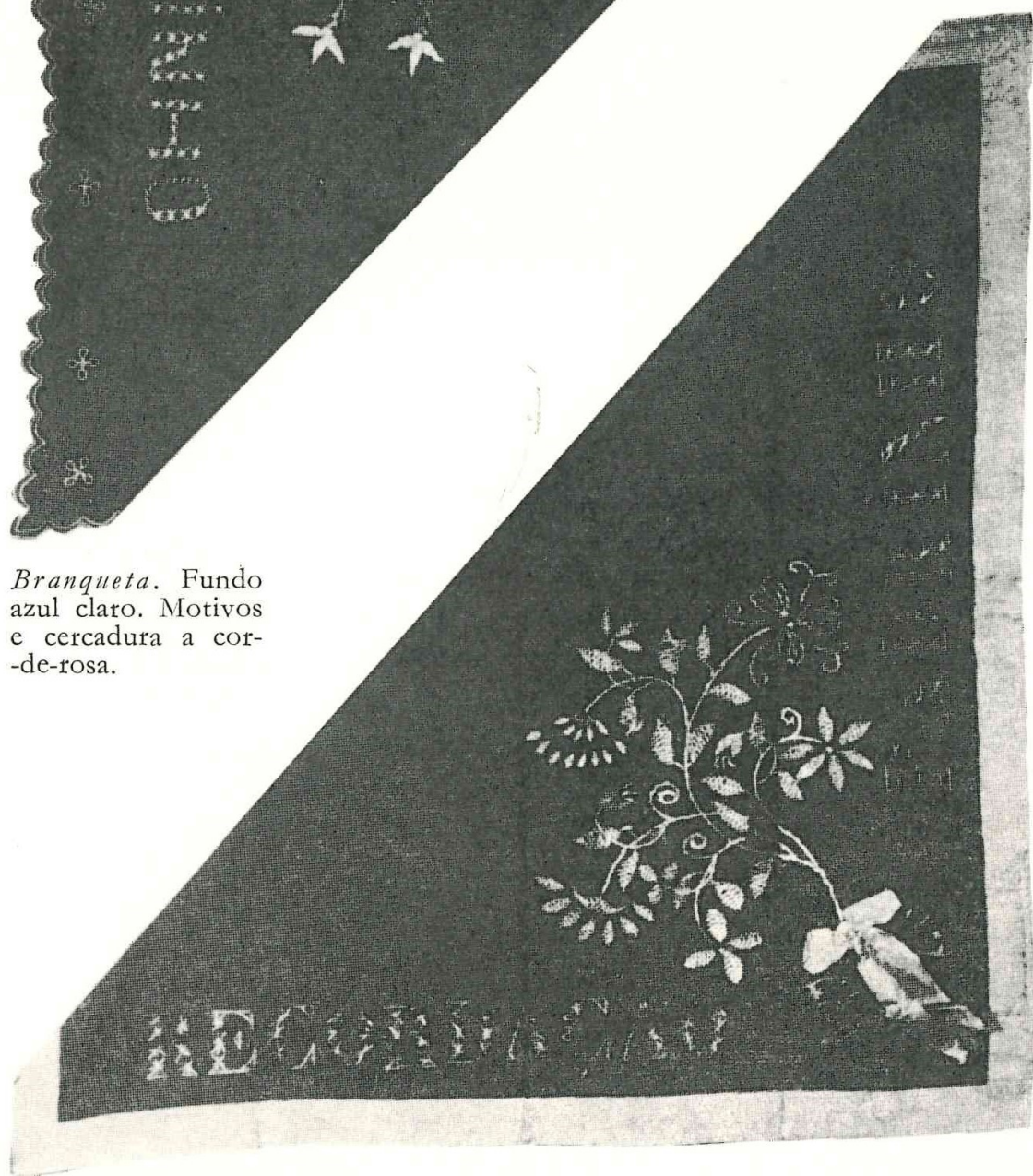
O sétimo filho, numa sequência de varões ou fêmeas, terá que ser afilhado do irmão mais velho, de contrário sai corredor (lobisomem), o pior dos fados.

Os de espírito casamenteiro escolhem um par (talhados um para o outro, como pensam ou dizem) de conversados, para que lhes apadrinhem o filho, os quais





*Branqueta.* Fundo azul claro. Motivos e cercadura a cor-de-rosa.



*Branqueta.* Fundo vermelho, barra e laço azuis.



aceitando contraem «parentesco» entre si, não podendo casar antes de seis meses.

Não é bom, entre os supersticiosos, negar-se ao convite para o primeiro filho, e aquele que aceitar uma vez, fica de futuro obrigado a apadrinhar todos aqueles para que for solicitado.

Aos padrinhos assiste-lhes o direito de escolher o nome, sendo o mais comum indicar o próprio. Foi também uso dar o nome do santo do dia do nascimento.

Todo o padrinho que não queira o seu crédito abocanhado, deverá oferecer antes do baptizado uma branqueta se o afilhado é do sexo masculino, e umas «brincas» sendo feminino.

Os padrinhos ficam ainda com a obrigação de dar o foliar ao afilhado na Pascoela. Constava duma rosca decorada com motivos zoomórficos (sardões, pombas, andorinhas) feitos da mesma massa; actualmente é em dinheiro.

O foliar só é obrigatório enquanto o afilhado se conservar solteiro.

Os padrinhos do irmão mais velho, recebem o mesmo tratamento da restante irmandade. Aos irmãos dos pais, por essa razão, ou por tratarem os estranhos por «tios», chamam também «padrinhos».

Os afilhados têm durante a vida como obrigação fazer-se abençoar dos padrinhos sempre que os encontrem. Fazem-no com maior frequência na véspera da Páscoa, lembrando o foliar, e respeitosa e dizem:

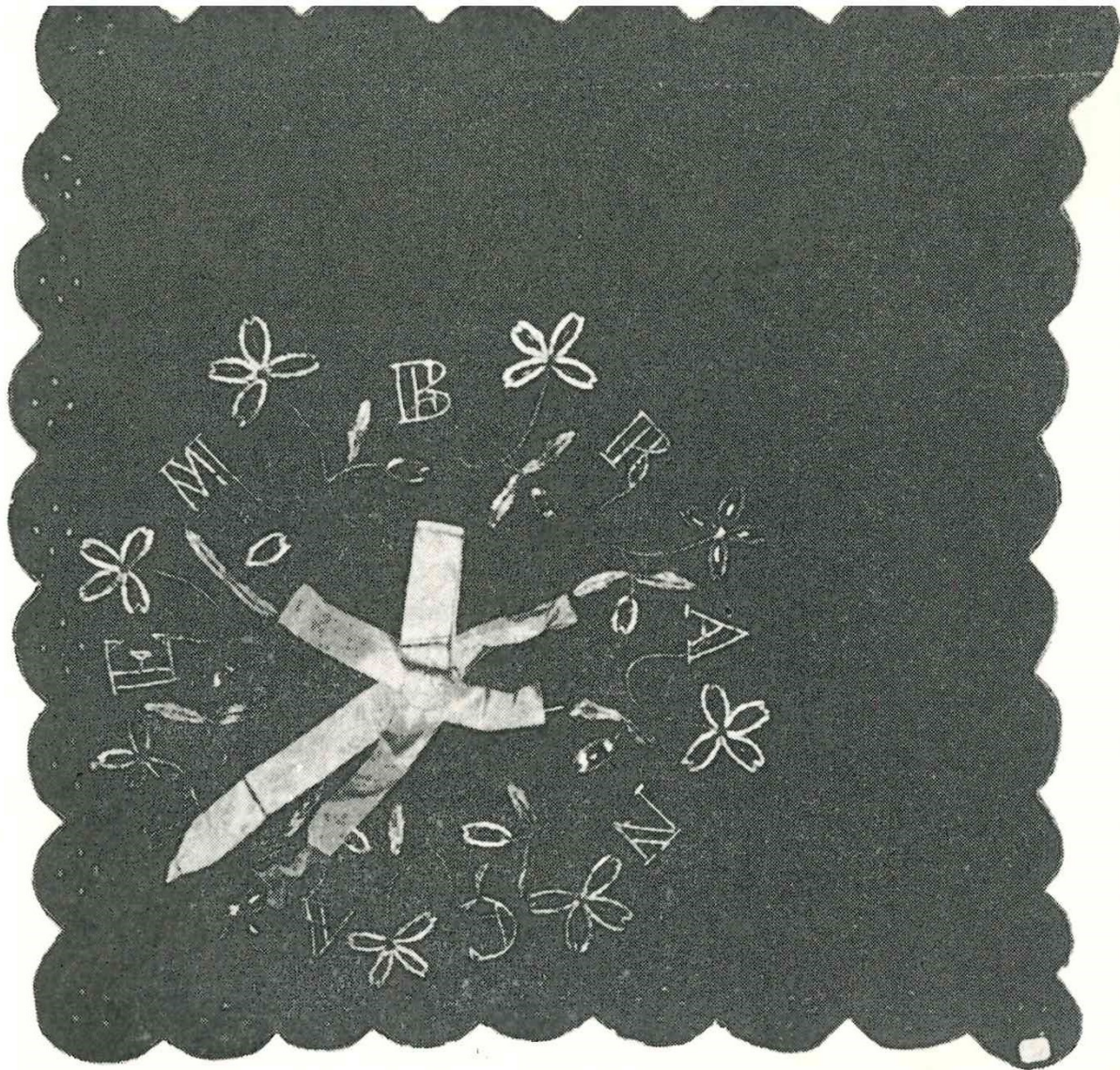
— Sua bênção padrinho!

— Que Deus te abençoe e crie para boa sorte; ou: ...e te faça uma santinha muito linda, ou ainda: ...e faça um homem grande, — estendendo-lhe a mão, que o afilhado beija.

Ao baptismo chamam «a porta da Igreja», e ligados a ele conservam-se antigos ritos que só eram praticados na véspera da Páscoa.



*Branqueta.* Fundo azul, e laço cor-de-rosa.



Hoje é sempre ao domingo e nos primeiros oito dias após o nascimento, salvo em caso de perigo de vida, pois se tal acontecer será à semana e até em casa. Este baptismo em caso de força maior pode ser administrado por qualquer pessoa, desde que conheça as palavras da fórmula e o saiba executar. A mulher só o poderá praticar quando não exista homem próximo, à excepção do pai, que só está autorizado a fazê-lo quando o acaso o coloque a sós perante o filho. Daí a frase, quando alguém ultrapassa as suas atribuições — «aquele faz e baptiza».

Da fórmula «Eu te baptizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (que é a fórmula completa) recomendam para não dizer «Amém»; quem ultima a cerimónia, segundo afirmam, é o sacerdote quando procede ao assento.



Tem, ainda hoje, a maior influência, no espírito bairrista, a terra onde são baptizados, pois é esta que amam e consideram como sua, pela qual torcem, tomam partido, renegando a da naturalidade. É frequente observarem-se casos de bairrismo, em festas e serviçadas, com a justificação:

— Fomos baptizados na mesma pia...

A criança sai pela primeira vez à rua no dia do baptizado, tendo-se conservado alumiada com lamparina de azeite, na alcova, não por falta de luz, mas na intenção de impedir a entrada dos espíritos malignos no seu corpo.

O neófito é levado à igreja nos braços da parteira e nunca da mãe ou madrinha, seguindo em cortejo padrinhos e convidados.

O pai nem sempre acompanha, mas é bom que vá à igreja e tome parte na cerimónia, dialogando em nome do neófito, conjuntamente com os padrinhos, por cautela, não vá faltar (segundo a credice) alguma palavra no baptismo.

A quem, no seu baptizado, tal aconteça, será atormentado pela vida fora por «coisa ruim» — visões de almas penadas e avantesmas.

A mãe só deve entrar na igreja depois do baptizado, costume que vem do tempo, segundo me parece, em que era solene a entrada da mulher na igreja, e a sua purificação se fazia passados quarenta dias após o parto, para o que a liturgia tinha salmos e bênçãos próprios.

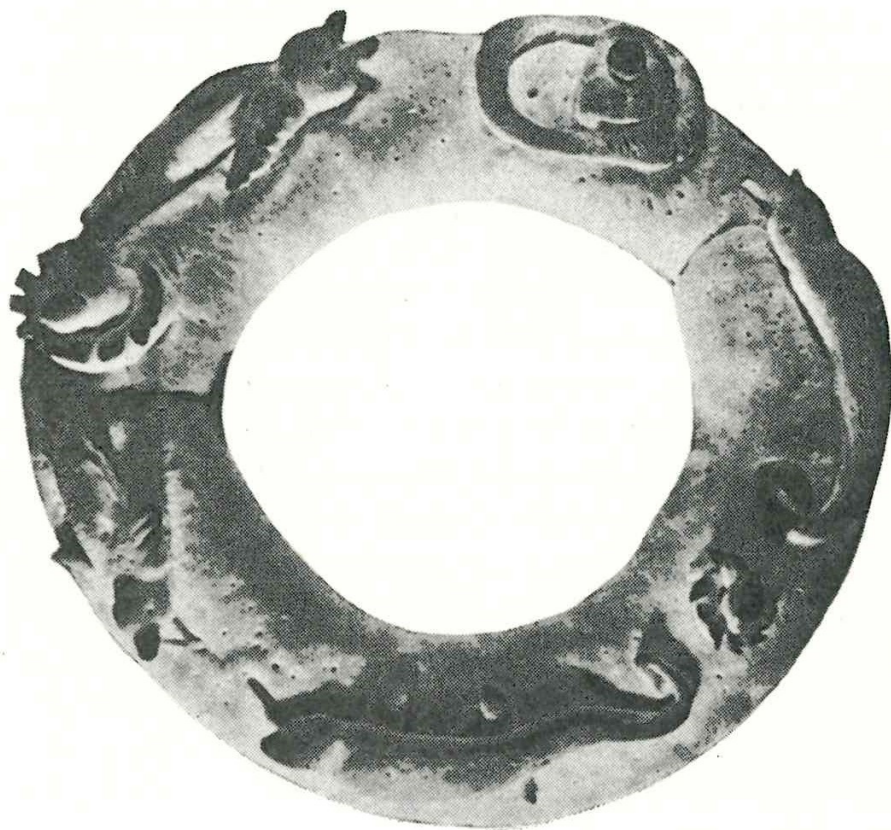
O sacerdote espera à porta do templo acompanhado da Cruz e dos círios e recebe no «antreparo» (vestíbulo ou guarda-vento), perguntando aos padrinhos como se vai chamar «o criança».

Dá-lhe alento na boca à imitação do que fez Deus ao insuflar vida no barro de que formou Adão.

Impõe o sal, comunicando-lhe o gosto e preservando-o da corrupção material e espiritual. Não devem portanto amamentar o recém-baptizado depois da cerimónia, sem que durma um sono, para não roubar as



*Folar.* Rosca de pão trigo, decorada com sardões, andorinhas, flores e uma algibeira. Diâmetro 38 cm. Fabricada na padaria de Encourados.



virtudes do sal bento. O sal em tempos era levado pelo padrinho, e só o pai o podia moer antes de lho entregar.

Embora todos tenham o cuidado de manter a candeia acesa junto do berço, são lidos os exorcismos, e só depois o sacerdote conduz a criança para dentro do templo.

Junto à pia baptismal, ao mesmo tempo que pronuncia a fórmula, aplica sobre a cabeça três vezes a água. Há sessenta anos os padrinhos levavam de casa água quente para esta cerimónia, existindo para o transporte uma pequena caneca (espécie de gomil) que só era usada para este fim. Se ao ser-lhe lançada a água não chora é sinal de morte próxima, gritando, reagindo bem, é sintoma de longa vida.

A madrinha sempre leva uma toalha rendada ou pano bordado (que deve ser de linho) com que cobrem as



espáduas do neófito antes da aplicação da água. Todas as pessoas que neste acto tiverem contacto com o recém-baptizado, devem limpar as mãos à toalha que o cobre, antes de tocar qualquer objecto. Estas toalhas ou panos fazem parte do bragal na maioria das casas da localidade, e alguns destinam-nas exclusivamente para esta cerimónia. Recorda a túnica branca que o sacerdote em tempos idos oferecia aos recém-baptizados, e que estes usavam desde a noite de sábado para domingo de Páscoa, até ao sábado seguinte. A mesma toalha, humedecida com as águas lustrais do baptismo não deve ser retirada da criança quando chega a casa. Assim, na fatalidade de cair à água, não se afogará, resistindo à asfixia pelo mesmo espaço de tempo.

A imposição dos santos óleos lembra o uso dos gladiadores ao ungir os membros antes da luta.

A saliva imposta pelo sacerdote nas orelhas e nariz, significa a cura feita por Cristo do surdo-mudo, de que nos fala o Evangelho.

Mandado em paz no final dos ritos, sai o cristão em cortejo nos braços da madrinha, nunca pela porta principal, ao mesmo tempo que tocam festivamente os sinos. Sendo do sexo masculino executam três repiques, e feminino dois. No baptizado de filho de namoro (natural) não toca o sino, única diferença relativamente ao baptizado dos filhos legítimos.

As despesas são custeadas pelos padrinhos. Ao sacerdote oferecem uma rosca enfeitada, pagam os direitos (emolumentos segundo a tabela eclesiástica) em dinheiro, antigamente uma galinha gorda a pôr ovos.

Ao tocador do sino, dois pães (trigo), ao da Cruz, dois pães, aos dos círios, um a cada. Convém que os padrinhos sejam generosos nas suas ofertas.

O cortejo segue a caminho de casa no meio de grande algazarra do rapazio da terra e das redondezas, que se junta para arrebatam os confeitos lançados ao ar pelos padrinhos, engalfinhando-se pelo chão. Na vizinha fre-



*Sortes.* Rusgata ou estúrdia, dos rapazes de Encourados. Junho de 1961. (Cliché de E. Lapa Carneiro.)



guesia de S. Julião de Passos (Braga), apupam aqueles que não lançam quantidade que os baste, com o estribilho — «Chochos!... Chochos!...», que sempre repetem até à porta de casa.

Os vizinhos vêm aos portais receber as ofertas que os padrinhos não regateiam.

Chegada a comitiva, é feita a solene entrega do afilhado à mãe, pela madrinha.

— Aqui tem senhora comadre o filho que me deu pavão, e eu lho entrego cristão (1).

(1) Para que algum leitor não suponha que há aqui uma gralha, — esclareço que é mesmo «pavão» que dizem. Aliás esta corruptela aparece noutras regiões do Minho. Ver, por ex., Gabriel Gonçalves, *Subsídios Etnográficos*, in «Arquivo do Alto Minho», vol. I, fasc. I, p. 32, n.º 17.



## PUBERDADE

As mães quando as filhas atingem a puberdade começam de lembrar as frutas proibidas, isto é, todas as que tiverem caroço, mais os figos, pois moça no período menstrual que tenha o atrevimento de os comer ficará com a pele grumosa como as sementes do fruto, «vai-se a formosura».

Nesta mudança de idade fazem-lhe um sem número de proibições que a higiene alimentar permite, durante esses períodos, mas que as crendices, reminiscências de antigas magias, impõem como abstinência.

Consideram a mulher impura, pelo que não deve tocar sementes, que não germinariam, nem sentar-se na saca ou fole da farinha, pois a massa fabricada não levaria, e nas vindimas nunca vão às pisadas, sendo até noutras regiões proibida a entrada da mulher na adega, não vá alterar-se o mosto.

Devem, contrariando todos os princípios de higiene, evitar qualquer espécie mesmo parcial de ablução nos primeiros três dias de cada regra.

A saia descia em tempos, e principalmente ao chegar a esta idade, até ao tornozelo, num costumado recato. De salientar a liberdade dos rapazes, usando as primeiras calças ao irem às sortes, criando-se num à-vontade de indumentária que impressiona por impudico, mas tolerável, segundo afirmam os velhos: «eram muito inocentes, e esta canalha de agora é que já nasce com malícia».

Se as mocinhas iam crescendo e não atingiam a puberdade, as mães preocupadas faziam promessas a Santa Marta da Falperra de estrigas ou meadas de linho, graças recebidas e provadas pela quantidade de ofertas que ainda hoje encontramos no santuário.





*Sortes.* Pormenor do reque-reque que se vê na figura anterior. (Cliché de E. Lapa Carneiro.)

Os rapazes tinham, há cinquenta anos, a sua liberdade entre os 16 e 17 anos, idade marcada pela dispensa de frequentar a catequese, e que podemos tomar como iniciação à sociedade dos homens. Reuniam-se anualmente em dia de S. Simão, fazendo magustadas só a eles destinadas, não permitindo a presença de raparigas ou



mulheres, e se alguma se atrevia, tentavam afastá-la, enfarruscando a intrusa com resíduos da fogueira.

O magusto é composto de castanhas assadas numa fogueira de pruma, ateadas ao ar livre, pão e vinho novo, tudo pedido ou oferecido.

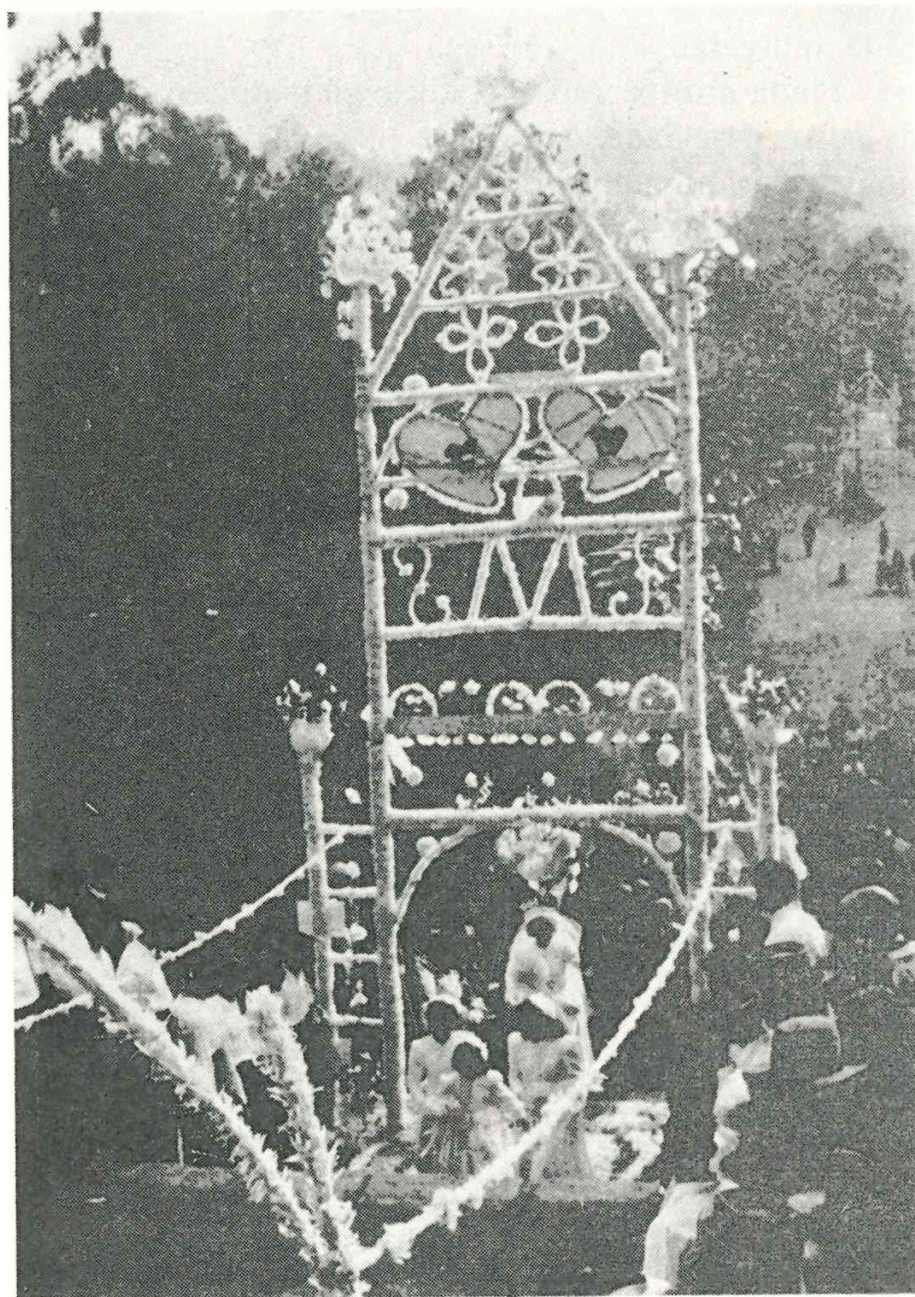
Contam-me que em tempos passados os rapazes costumavam fazer umas comezainas a sós e em segredo, que só esporadicamente se têm realizado nos nossos dias. De véspera, disfarçados de caçadores, escolhiam pelos rebanhos que em grande número se apascentavam no monte de Airó, e, num descuido do pastor, abatiam um carneiro com forte mocada e arrastavam-no para o esconderijo de um penedo. A coberto da noite, carregavam-no para a povoação, guardando-o numa casa desabitada, de antemão escolhida, para o cozinharem e comerem a sós e de noite.

Dizem também que não seria por falta de alimentos, dado que eram descendentes de boa gente e abastada, e nunca com intenção de se banquetear à custa alheia, mas apenas uma necessidade de «taina».

Serão ainda estas comezainas e festas reminiscências dos ritos da puberdade?

Consideravam ainda nos princípios deste século como a passagem mais difícil da vida do rapaz o cumprimento do serviço militar. Os abastados e influentes, quando tinham filhos com vinte anos, moviam amigos e dinheiro, e chegado o dia de poder fanfarronar livração festejavam-no com jantaradas e foguetes. Os sem padrinho ou dinheiro iam às sortes, tendo sempre o cuidado de se passar na véspera por defumadouro de palha painça, o que nem sempre os livrava. O serviço militar dessas épocas era longo e duro. Logo desde o dia em que afixavam o seu nome à porta da igreja o mancebo perdia a alegria. Passadas umas décadas, a melhoria sensível da vida militar, mais curta e humana e com obrigatoriedade de serviço a todas as classes, fez com que os rapazes ao receber guia para se apresentarem à





*Arcos de Casamento.*  
Decorados a papel,  
neste caso abrilhan-  
tam casamento rico,  
mas foram construí-  
dos pelos rapazes e  
raparigas de Areias  
e Madalena de Vilar.

Junta de Inspeção a festejassem como quem recebe carta de alforria, sentindo-se homens. E no dia marcado exibem-na vaidosos na fita do chapéu, lugar só destinado à benta pagela, cantando e dançando ao som das ruggas e estúrdias, aparelhadas com brio, numa demons-



tração festiva e só própria de um grande dia na vida de cada indivíduo.

Finda a inspecção, é tradicional o almoço nas casas de pasto da cidade, em que se junta cada freguesia em «jantarada», numa confraternização quantas vezes única na vida. Alguns, ausentes da terra natal desde a infância, não voltam a encontrar-se, e caso singular, o filho do patrão abanca sem cerimónia à mesma mesa com o filho do criado ou jornaleiro, servindo-se da ementa comum, quase sempre o tradicional bacalhau com batatas e arroz, servido no molho verde, que, de farto, sobejou do cozido e lhe dá sabor especial. Bebem da mesma malga, ricos e pobres, tão viva está ainda a igualdade em que se viram ao entrar sem atavios à Junta. E no meio de vivas aos apurados, regressam à aldeia onde se continuam a avinhar até madrugada.

Na freguesia da Pousa, existia, há poucos anos, numa venda da localidade, uma descomunal malga, sessenta e dois quartilhos, que só se enchia uma vez por ano, e por ordem dos mancebos, em dia de inspecção; dela todos bebiam, mais os vizinhos, numa manifestação de regozijo. A malga quebrou-se.

## CASAMENTO

O casamento, noutras épocas, era quase sempre simples contrato, e hoje também é algumas vezes. Raramente precedido de namoro, realizava-se conforme as conveniências dos pais, que escolhiam interesseiramente, e sempre na intenção de unir casas e fortunas.

Embora citem com frequência o adágio «quem casa quer casa», os recém-casados não formavam novo lar, passando a viver com os pais dum deles, conforme as necessidades de administração da casa mãe. E quando





*Arco de Casamento.*  
Levantado junto ao  
alpendre da Capela  
do Socorro. Mada-  
lena de Vilar.

os pais ainda eram válidos e não pensavam em abdicar do lugar de cabeceira de casa, ajustavam antes, com quem iriam viver os noivos.

O êxito dos enlaces dependia do casamenteiro, pessoa com boas artes e melhores manhas para estes contratos, que a pedido de uma das partes ia abordar a



outra mostrando-lhes o interesse em tal união, ao mesmo tempo que lembrava a necessidade do casamento, pela falta que uma mulher nova, carinhosa e trabalhadeira ia fazendo em casa, elogiando as qualidades dos ascendentes e o dote chorudo, bem como o grande negócio da junção das leiras a tratar, e o inconveniente da partilha das águas. Se eram os pais da morgada que necessitavam de um homem novo e trabalhador que lhes administrasse a lavoura, ele enaltecia os préstimos do pretendente.

Entre os pais era estipulado o dote que cada um levaria, por vezes muito discutido, mas a que chegavam a acordo com a ajuda do casamenteiro, assegurado por escritura pública, em doações por conta da cota disponível, regra geral dos terços ou até meia acção, vinculando esta leira ou aquela quinta. Denominava-se o casamento falado ou de inculca.

Se os nubentes eram viúvos com filhos, ou pessoas idosas, iam ao tabelião lavrar documento antenupcial de separação de bens. Assim se fizeram muitos casamentos de conveniência pelas nossas aldeias, graças ao casamenteiro, que sempre recebia como recompensa um chapéu novo e convite para o jantar da boda. humildes e submissos, os filhos sacrificavam-se à vontade dos pais, para assim assegurar a continuação do morgadio e o amor vinha (se vinha) com o tempo e a alcova.

Também se realizavam casamentos de simpatia, assim como hoje, embora raramente, se fazem alguns de conveniência. (Lembro que me refiro à região entre o Airó e o Cávado).

Tardios a despertar para o amor, só namoravam depois dos vinte anos. Escolhiam «forma do seu pé» (classe), e faziam-se encontrados aos domingos ou dias santificados, nas idas e vindas dos actos religiosos, e pelas festas e romarias.

Os tempos e costumes foram mudando, tornando os rapazes mais precoces, e hoje aos dezasseis anos



começam a ensaiar os primeiros passos, nuns «conversalhos de fedelhos» como dizem os mais velhos, sendo raro o casamento tratado.

Se acontecia de rapaz filho de proprietário abastado se enamorar e casar com rapariga pobre, surgiam imediatamente os ditos «fez-lhe bruxaria». Referiam-se aos filtros amorosos, beberagens oferecidas em vinho, ou doces, preparados pela benzelheira da terra, ou bruxa de longe, método sempre infalível. Além de ficar preso (afeição) eram maridos fiéis e inteiramente submissos à vontade da esposa.

No casamento de agrado ou contrato de família, a boda realiza-se ao sábado no meio da maior pompa e alegria, com todo o cerimonial.

Os rapazes sem «rabos de palha», filhos ilegítimos, não temem os pregões ou qualquer desconsideração (1) e não dispensam de proclames. O padre lê os banhos à missa conventual, três domingos seguidos, acto que desperta sempre a maior curiosidade, e ouvido no maior silêncio, na intenção de saberem quem são os noivos, terminando o sacerdote com o costumado aviso «Se alguém souber de impedimento, pelo qual não possam contrair o sacramento que pretendem, fica debaixo de

(1) Em Martim, talvez há trinta anos, ficou célebre um casamento, que ainda hoje é conhecido pela «boda da merda».

Certo indivíduo há anos que tinha amores ilícitos com rapariga pobre, e como fruto desses amores existiam filhos. O rapaz, trocando a formosura por bens materiais, resolveu casamento. A amante não se valeu do direito de impedimento mas tramou vingança. No dia da boda, grandiosa pelo número e qualidade dos convidados, quando regressava o cortejo a casa dos pais da noiva, a preterida saiu-lhe ao encontro, tendo de antemão e em segredo preparado uma bacia cheia de excrementos desfeitos, burrifou a noiva e salpicou os convivas, acabando por lhe partir o vaso nas costas. Dizem que tão desagradável cheiro exalavam os convidados que embora tomassem banho e se perfumassem não foi possível, de enjoados, realizar o jantar da boda.



pecado grave, com a obrigação de o denunciar». Segue-se uma murmuração, entre o elemento feminino, num ciciar de comentários aos noivos. «Ao casar e ao morrer há sempre que dizer». Não é bom que os noivos assistam, crença que sempre respeitam, ouvindo missa fora da freguesia.

Na semana que antecede a boda, os noivos procedem aos convites. Para tal, a noiva sobraça um cesto de cana, encomendado para o acto, tendo o cesteiro de presumir (esmero no fabrico), e é criticada, por nenhum brio, aquela que levar cesto usado. Forrado a franjada toalha, enchem-no de roscas que oferecem aos convidados para a boda. Este convite só não é aceite por falta de saúde, mas sempre recompensado com prendas de casamento, sendo o mais usual ofertas de bragal, toalhas, lençóis, mantas e cobertas, ou traços de pano de linho para fazer obra.

Na véspera do dia do casamento, os moços e moças do lugar levantavam ao portal dos pais dos noivos, onde estes iam fixar residência, imponente arco decorado a verdes, giestas ou mimosas em flor, buxo, murta e hera, costume quase desaparecido na região, onde hoje, quando muito, aparecem arcos com enfeites de papel recortado.

Chegado o sábado dos esponsais é dia de grande azáfama, alegria e animação entre os jovens do lugar: «a boda assanha-os», como costumam afirmar.

O cortejo, sem qualquer ordem, segue para a igreja. A noiva quando o merecia (virgem) levava ramo de flores naturais, palmitos ou flor de laranjeira, hoje ramo artificial apenas como atavio. Vestiam conforme o figurino da época, usando sempre lenço branco na cabeça. O noivo estreava o primeiro fato, que durante a vida envergaria em todas as grandes funções, cor de pombo ou preto, e que, ou do pouco uso, ou da boa qualidade do pano, mesmo morrendo velho, levaria para a sepultura.



As actuais cerimónias litúrgicas são menos extensas que antigamente. Embora seja seguido o ritual romano, na arquidiocese de Braga, talvez na intenção de realçar a indissolubilidade do matrimónio, usa-se uma cerimónia que o povo denomina «dar o nó», envolvimento das mãos dos noivos pela estola.

Como acontecia, em casamentos das classes pobres, o homem não possuir anel para oferecer à mulher, existia uma aliança em metal pobre, que utilizavam por empréstimo e só para a cerimónia.

Finalmente e só no rítual Bracarense, o sacerdote procede à entrega solene da mulher ao marido.

Terminada a cerimónia litúrgica, a noiva se levava ramo, depunha-o no altar de Nossa Senhora a quem o oferecia como agradecimento pela conservação da sua pureza até àquela data. (As vizinhas curiosas ou sofrendo do mal de inveja, passados oito dias iam ao altar e verificavam se o ramo tinha murchado, se tal acontecia diziam: não o merece, e «a Deus não enganou ela.») Seguia-se a cerimónia da bênção pedida aos pais num beija-mão sempre muito chorado pelas mães.

Nos casamentos contra vontade e sem consentimento dos pais, aguardavam a saída da missa nos domingos seguintes ao casamento e tentavam as bênçãos. Se os pais correspondiam, estavam perdoados da desobediência, ficando autorizados a entrar na casa paterna.

De regresso, saem pela porta principal, os noivos à frente, sempre esperados com muitas flores, amêndoas, confeitos, missanga e arroz lançados pelas pessoas amigas mesmo não convidadas. Chegados à porta de casa, e na passagem do arco ou nos umbrais do portal, repetiam-se novamente os lançamentos de flores à mistura de amêndoas.

O jantar da boda era oferecido pelos pais com quem os noivos iam viver. Embora toda a gente respeite o ditado «quem vai à boda leva que coma», enviando de véspera ofertas de cabritos, frangos, mercearia, vinho



fino e pão leve, os da casa matam porco para assim apresentar mesa farta e variada. A meio da jantarada surgem novamente os arremessos de confeitos e amêndoas que sempre partem alguma louça e viram uns copos de vinho, como é preciso numa demonstração de alegria. É próprio destes grandes jantares, escalarem moço expedito para servir o vinho, sendo vergonhoso para o dono da casa o não se manterem de contínuo os copos cheios, por melhores bebedores que sejam os convidados.

A noite vem, afastando-se os convivas a abarrotar de carne, lambuzados de aletria e melhor avinhados. Em Martim usam terminar com foguetes e muitos vivas aos noivos.

Se os recém-casados eram idosos, ou algum contraía segundas núpcias, e mais especialmente se a vida de solteiros era duvidosa, começavam a ouvir-se pela encosta do monte de Airó ou pelo alto de Vilarinho as primeiras buzinadelas, que sempre redondavam em ruidosa tocata (assuada) através de embudes, cornos, cornetas, búzios, capacetes de alambique e latas, que se prolongava por toda a noite. Estas assuadas já não se praticam por proibição das autoridades, justificada nos desforços que algumas vezes foram funestos.

## MORTÓRIO

As pessoas idosas ao sentirem-se um encargo para a família, lembram com frequência a conhecida história do último filho que levou o pai, inútil de velho, ao monte, e quando desconfiam da pouca caridade e nenhum amor dos seus, atemorizam-nos com o ditado: «filho és, pai serás, assim como fizeres, assim acharás.»

Na região lamentam com sinceridade os que morrem novos ou de acidente, e como na avançada idade a morte é natural, «quem de novo não vai, de velho não



escapa», chegados os últimos dias não lhes prestam demasiada assistência, salvo as caridosas exceções, e lá se vão confortados com os sacramentos da Santa Igreja.

Pranteavam a morte nos dois dias seguintes ao falecimento, por costumada cerimónia, para o que assalariavam «choradeiras» (carpideiras) que recebiam como paga um quarto de centeio e comida. Os tempos foram decorrendo e os familiares passaram a chorar de conta própria, e em altos berros, demonstração aparente de grande dor. O primeiro pranto tinha a utilidade de avisar os vizinhos mais próximos, do desenlace, para que acorressem a consolá-los, numa já costumada obrigação, e a oferecer os seus préstimos que eram aceites e agradecidos. «Hoje por nós, amanhã por vós». Presentemente são mais comedidos e sinceros nas lamentações, mas os auxílios recíprocos mantêm-se como é próprio dos bons vizinhos.

Cada um desempenha-se dos serviços que mais se coadunam com as suas aptidões. Um vai ao campanário dar o sinal convencionado. Outro, tira as medidas e sai a encomendar o caixão. As pessoas de mais confiança da casa entram na sua administração, embora todos os serviços fiquem suspensos durante três dias: têm de dar o penso ao gado, que nestes dias não sai para o pasto, e os criados ficam de nojo conjuntamente com os patrões, sendo todo o serviço feito por estranhos. Os alimentos, em tempos grandes banquetes, não podem ser preparados pelas mulheres da casa, pelo que estas são substituídas pelas vizinhas.

Quando são proprietários abastados não podem dispensar o ofício de corpo presente, pelo que mandam de aldeia em aldeia convidar padres, e não vai há muitos anos, quando morria pessoa de influência na terra e arredores, seguiam vários homens ao maior número de freguesias possível, chamar padres para «ofício geral», os quais, por falta de meios de transporte, sabia-se de antemão, não vinham. Nisto, ao que parece, havia uma



segunda intenção: anunciar o falecimento, único meio numa época em que os jornais tinham poucos leitores.

Segundo os Estatutos da extinta Confraria do Subsino de Encourados, aprovados em 1830, existia um Procurador que ao ter conhecimento que falecia algum irmão, era obrigado a dirigir-se a casa deste, saber se morreu com «disposição» (testamento?) e caso afirmativo, ir chamar dez padres para o ofício, avisar quatro homens para levar o corpo para a igreja, dois para abrir e cerrar a sepultura (num giro da freguesia), ao mesmo tempo que entregava a cera, uma ou duas velas, «de oito à libra», conforme era ou não irmão cabeceira.

Há sempre um vizinho (mulher ou homem, conforme o sexo do falecido) jeitoso e prestável para arranjar o morto, o que é bem aceite pela família, dada a má fama e falta de caridade dos cangalheiros.

Para que o cadáver fique com bom aspecto, ao deixar esta vida atam-lhe os queixos com um lenço apertado desde a maxila inferior ao alto da cabeça, lavam-no, barbeam-no, vestem-lhe as melhores roupas, e vai caindo em desuso o costume de os revestir com o hábito do patrono da Irmandade a que pertenciam ou de que eram devotos.

Preparado o defunto, é estendido numa tábua, com malga de água benta aos pés, e candeia acesa à cabeceira, aguardando a chegada do armador com o caixão, para onde é trasladado em câmara ardente. A intervalos, e para a sua conservação, aplicam-lhe compressas de aguardente no rosto.

Os pobres dispensam, mas os ricos sempre mandam colocar essa e decorar a igreja, onde não faltam as «choradeiras», imagens de roca, que segundo averigui, representam as antigas carpideiras.

Avisados os parentes de longe, sempre comparecem, trajando de luto, e instalam-se na casa a comer, beber e rezar, só a abandonando ao terceiro dia.



Os amigos e conhecidos de perto, depois do trabalho, vêm apresentar os sentimentos, dirigindo-se em primeiro lugar ao finado, aspergindo-o com água benta a cada P. N., e de seguida vão junto dos doridos, desfiar cada um a seu modo, frases feitas, de que recolhi as seguintes: «manda quem pode..., são coisas muito tristes..., todos hemos de ir..., conformem-se co a vontade do Senhor..., ninguém cá fica..., é um portelo que todos hemos de passar..., são bocados ruins de roer..., tudo acaba nisto..., isto é uma roda que anda». E por ali ficam, até madrugada, a velar o cadáver, recebendo vinho, café e aguardente.

Os enterros dos adultos realizam-se sempre de manhã, e, ainda conforme os Estatutos da Confraria de Encourados, era obrigação que uma pessoa de cada casa e de «capacidade», e nunca com menos de 15 anos, nem mulheres, acompanhasse o funeral à igreja, ficando aí até se dar o corpo à sepultura. Hoje por devoção e amizade incorporam-se vizinhos e amigos.

Antes da saída do enterro, caso fosse cabeceira de casa, e conforme os citados Estatutos, o juiz tinha a obrigação de «botar as orações da reza; que são pegando pelo rol dos Irmãos cabeças de casa e rezar duas orações de P. N. e A. M. pelas almas das obrigações daquele irmão e outras duas orações pela alma do defunto irmão: isto se entende as quatro orações tantas vezes, quantos são os moradores irmãos cabeças de casa», costume que chegou aos nossos dias e bem me lembro de assim ouvir encomendar: — «pelas almas de quem é obrigado a rezar Fulano, P. N. A. M.; por este nosso irmão últimamente falecido P. N. A. M.» Esta reza não é praticada nas freguesias vizinhas.

Findas as orações a família distribuía pão a uma pessoa de cada casa e segundo reza o livro dos Estatutos, tinham em tempos mais compromissos, «o cabeça de casa tem a obrigação de mandar acomodar a Confraria com



uma fatia de pão e uma malga de vinho, sendo um ano que o haja, e quem o tenha».

Chegada a hora para o funeral, também anunciado pelo toque do sino, o pároco levantava o cadáver e assistia-se ao último pranto. Os familiares, principalmente as mulheres e crianças, todos ao mesmo tempo, bradavam o último adeus, hoje raramente, que se fazia ouvir pelas freguesias vizinhas, e quem assim não procedesse demonstrava nenhuma dor pelo finado, sendo uso enaltecer à despedida as qualidades do morto: «lá se vai a paz da nossa casa, adeus caravelhinho da porta, lá se foi a trave da nossa casa»... e outros lamentos no género.

O cortejo seguia a caminho da igreja (não se incorporando nele a família), levando os estandartes das confrarias de que o defunto era confrade, depois a cruz e os círios, transportados pelos mordomos, o sacerdote, e, atrás do caixão, o acompanhamento.

Embora os Estatutos que ainda em 1830 regiam a freguesia de Encourados, só citem o dever do juiz, que era obrigado a transportar a caldeira, rezar à porta da igreja um P. N. A. M., depois do Memento, corre ainda na tradição que nas encruzilhadas parava o féretro, para os responsos, e ainda assinalam os locais: os que vinham de nascente ou norte ao Cruzeiro, e os de poente e sul às Alminhas.

Como só as classes remediadas e ricas tinham «disposição» para o officio, os pobres davam-se à irreverência de traduzir livremente o mesmo: «se é rico e tem dinheiro, façamos o officio inteiro; se é pobre e não tem que dar, que vá já a enterrar». Aproveitavam até o espaço de tempo em que decorriam estas cerimónias para distribuir a colação, um trigo e um copo de vinho a cada pessoa presente, sendo em dobrado aos empregados das confrarias e aos pegadores do caixão; ao mesmo tempo procedia-se ao arrolamento de todas as pessoas que assistiram ao funeral, tendo



para tal fim a família pedido a um escrevente da freguesia que se desempenhasse da tarefa, não para resolver um problema de analfabetismo, mas na intenção de só serem relacionados os presentes. Aqueles que não aceitavam colação, mandavam mencionar no rol, depois do respectivo nome, «grátis», numa demonstração de amizade desinteressada. Estes beberetes, assim como as relações feitas por escrivão privativo, estão quase desaparecidas em toda a região.

Aos padres, como alguns não aceitavam dinheiro pelos seus serviços, em consideração à família, certas casas ofereciam-lhes queijo, doces e vinho fino.

Antigamente tudo terminava na igreja; hoje vai, na mesma ordem, depois das cerimónias religiosas, o enterro para o cemitério.

Depois da morte continuam as rezas e orações pelos mortos, obradórios, missas do sétimo, e trigésimo dia depois do funeral, as rezas dos três dias aniversários, 2 de Fevereiro, primeira oitava da Páscoa, e do Natal, sendo estas últimas aplicadas pelas almas das obrigações de cada irmão cabeça de casa.

O obradório, que se realiza no primeiro domingo a seguir ao passamento, já só se conserva na freguesia da Pousa. O padre revestido de sobrepeliz e estola, nos de mais cerimonial de capa de asperges, aguarda na igreja todas as pessoas que queiram obradar, e cobra por cada «Pater Noster» um escudo, que é lançado numa bandeja colocada sobre um banco no centro da igreja. Uma pessoa de cada vez ajoelha junto do sacerdote e reza em português um P. N., podendo obradar o número de vezes que desejar, o que os mais endinheirados quase sempre fazem. Nas outras freguesias da região há muito que desapareceu, e em Encourados, vai para 70 anos, foi substituído o obradório pela componenda. O pároco calculava o rendimento de cada obradório feito segundo o número presumível de pessoas que viriam obradar,



proposta que os paroquianos aceitaram por mais económica.

Corre ainda na tradição o costume do cesto, que uma mulher, no dia do obradório, transportava à igreja, já reduzido a um pequeno açafate, existente na maioria das casas e só para esse fim, que cobriam com um pano preto, atado com fita da mesma cor, e colocado sobre um banco servia para lançar as ofertas, sendo ao tempo cada obrada a vintém.

Era obrigação dos doridos mandarem um representante à porta da igreja, convidar todas as pessoas de fora que tivessem obradado a comer lauto jantar como era dos usos. No fim, o que se encontrava à cabeceira da mesa iniciava a reza, que corria o giro, com um P. N. por cabeça e pela intenção do irmão últimamente falecido.







biblioteca  
municipal  
barcelos



9405

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OF. GRÁF. DA COMPANHIA EDITORA DO M

Ritos de passagem entre o Airó  
e o Cávado